



POLÍTICA NEWTONIANA À POLÍTICA QUÂNTICA: REFLEXÕES ACERCA DA ALGORITMIZAÇÃO DA VIDA E DO ACRITICISMO

Rafael Douglas Sousa de Andrade*

Resumo:

O presente artigo tem como reflexão os conceitos de “política newtoniana” e “política quântica”, propostas pelo filósofo franco-italiano Giuliano da Empoli e traçar um paralelo com os novos espectros políticos e sujeitos da contemporaneidade. Notadamente, o advento das redes sociais alavancou na sociedade uma nova mazela, caracterizada pela regressão dos sujeitos aos fatos científicos, lógicos e filosóficos. Algoritmização da vida e acriticismo evocam-se magistralmente em um corpo social dominado pela instabilidade do que é real, portanto, *fake news*, teorias conspiratórias e algoritmos das redes coagem sujeitos. Destarte, o presente artigo elucubra as novas facetas políticas e os sujeitos oriundos delas.

Palavras-chave: Acriticismo, Manipulação, Política contemporânea, Redes Sociais, Algoritmos.

LA POLITICA NEWTONIANA ALLA POLITICA QUANTISTICA: RIFLESSIONI SULL'ALGORITMIZZAZIONE DELLA VITA E DELL'ACRITISMO

Riassunto:

Questo articolo riflette sui concetti di “politica newtoniana” e “politica quantistica”, proposti dal filosofo franco-italiano Giuliano da Empoli, e traccia un parallelo con i nuovi spettri e soggetti politici della contemporaneità. In particolare, l’avvento delle reti sociali ha portato un nuovo malessere nella società, caratterizzato dalla regressione dei soggetti ai fatti scientifici, logici e filosofici. Algoritmizzazione della vita e acritica sono magistralmente evocate in un corpo sociale dominato dall’instabilità di ciò che è reale, per cui *fake news*, teorie del complotto e algoritmi di rete costringono i soggetti. Pertanto, questo articolo chiarisce le nuove sfaccettature politiche e i temi che ne derivano.

Parole chiave: Acritica, Manipolazione, Politica Contemporanea, Rete Sociali, Algoritmi.

* Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pós-graduando em Ensino de Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5069-3077>. E-mail: rafaeldouglassousa@hotmail.com.



1. Introdução

No século XXI é notório o exponencial avanço tecnológico, em especial, a ascensão das redes sociais e a transformação-redução de usuários digitais à dados. A faceta do capitalismo tecnológico encontra respaldo nos dados, haja vista a capacidade de vigilância, dataficação da vida e algoritmização das escolhas sociais, individuais, políticas e econômicas. A crítica estende-se para veículos comunicacionais, como televisores e rádios, porém, muta-se nos novos formatos que a comunicação adquire com o avançar tecnológico.

A denominação do século XX, antes do surgimento da internet em concomitante com as redes sociais, era de veículos de massa, ou nas palavras do filósofo italiano Gianni Vattimo (1992) *mass media*. Esse conceito é parido justamente como alicerce para delineação de críticas acerca das transformações que a comunicação sofria. A análise não é realizada no intuito de ser uma espécie de anti-regresso tecnológico/comunicacional, mas é oriunda de dois fatores marcantes do século XX: a) como a comunicação alavancou o status de veículo de manipulação de massas e b) dominação da lógica do mercado sobre a comunicação. Vattimo alertava que:

[...] O fato é que a própria lógica do <<mercado>> da informação exige uma contínua dilatação deste mercado, e exige conseqüentemente que <<tudo>>, de qualquer maneira, se torne objeto de comunicação. Esta multiplicação vertiginosa da comunicação, este <<tomar a palavra>> por parte de um número crescente de subculturas, é o efeito mais evidente dos *mass media*, e é também o fato que - relacionado com o fim, ou pelo menos com a transformação radical, do imperialismo europeu - determina a passagem da nossa sociedade à pós-modernidade (Vattimo, 1992, p. 11-12).

Na atualidade, tal efeito assustador comunicacional derivou em novas variantes. Bem como uma variante viral, a comunicação aliada aos algoritmos das redes sociais fez surgir, no âmago da democracia, duas novas crises subjetivas atribuídas aos sujeitos, e, um problema estrutural democrático: os sujeitos mergulham de cabeça em uma profunda crise da liberdade e no culto ao acriticismo derivada daquela crise; já a democracia caminha à passos largos para uma infocracia, ou seja, um governo ditado pela informação algorítmica. A fundamentação de tais problemas deriva da derrocada



democrática que governos de diferentes países enfrentam, seja em seus processos eleitorais, assim como na grande veiculação de *fake news* e teorias conspiratórias que minam a democracia.

Refletindo sobre tais contemporaneidades, Giuliano Da Empoli, filósofo franco-italiano, escreve o livro “Os Engenheiros do Caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições”, nele é levantado questões sobre como as democracias estão sofrendo novos ataques. É investigado e refletido como foram os processos eleitorais e como encontra-se presente a política em países como: Itália, Estados Unidos e Brasil. Empoli parteja então dois conceitos interessantes sobre os novos desdobramentos políticos: Política Newtoniana e Política Quântica, ambos os conceitos surgem analogamente as ideias de física newtoniana e física quântica.

Propostas no século XX e colocadas para entrar em combate, as teorias newtonianas e quânticas surgem nas ciências como formas de explicar a realidade. Na ideia newtoniana, os átomos eram indivisíveis, o universo era ditado por leis mecânicas e sua observação era baseada a olho nu ou telescópios. Em contrapartida, a descoberta da divisão do átomo formada por prótons, nêutrons e elétrons, em conjunto com o descobrimento que as partículas possuem comportamentos imprevisíveis, a física quântica mergulhou a humanidade em paradoxos e fenômenos que desafiam a ciência. Com o surgimento da internet a humanidade incidiu sobre novas formas do fazer política, pois, tal como a física newtoniana, a política sofreu duros golpes:

Hoje, a irrupção da internet e das redes sociais na política muda, mais uma vez, as regras do jogo e, paradoxalmente ao mesmo tempo que fundadas sobre os cálculos cada vez mais sofisticados, corre o risco de produzir efeitos crescentemente imprevisíveis e irracionais. Interpretar essa transformação requer uma verdadeira mudança de paradigma. (Empoli, 2020, p.173).

Portanto, refletir sobre os novos rumos que a política tem tomado, além de essencial para o debate contemporâneo, é urgente. Considerando aspectos cruciais que coagem os sujeitos a tomar um lado melindroso e a sustentação de uma crise na democracia, é então importante delinear pesquisas, sobretudo de cunho filosófico, para reflexão crítica dos fenômenos vigentes. O presente artigo então trabalhará em 3 tópicos que fortalecem a ideia de política quântica e confrontam os limiares da democracia: 1ª)



Da velha política à nova: o estado de vigilância digital, algoritmização da vida e os exames digitais; 2ª) Crise dos sujeitos: o declínio da liberdade subjetiva e os caminhos para política quântica; 3ª) Crise da democracia: o estado infocrático, teorias conspiratórias e fake news. Por fim, é importante salientar que, as investidas impetuosas à democracia, para além do novo fazer político proposto por Empoli, são resultantes da nova arma neoliberal, doravante denominada algoritmo. Para fortalecer tal ideia, durante o artigo serão expostas propostas teóricas filosóficas acerca da liquidez da vigilância de Bauman, da psicopolítica infocrática de Byung-Chul Han e das sociedades de controle de Deleuze.

2. Da velha política à nova: o estado de vigilância digital, algoritmização da vida e os exames digitais

Velha Política e Nova Política são dois conceitos trabalhados por Empoli (2020) para refletirmos acerca de como era uma política antes e pós internet. Concomitantemente, velha política representa a política newtoniana e nova política a política quântica. Refletir que a internet é motriz para o novo devir da política é pensar em como a comunicação transfigurou-se com as novas ferramentas sociais de comunicação. A sociedade da comunicação é intrínseca nesse molde contemporâneo do digital.

[...] Estas não são apenas uma nova forma de enfrentar um fenômeno <<externo>>, o homem e as suas instituições, dado desde sempre; mas tornaram-se possíveis, nos seus métodos e no seu ideal cognitivo, pela transformação da vida individual e associada, pela constituição de um modo de existir social que, por sua vez, é diretamente plasmado pelas formas da comunicação moderna (Vattimo, 1992, p.19).

Dado a influência das redes sociais na nova comunicação, que parte do digital, é importante salientar nesse debate que, a interferência direta das *big techs*¹⁴¹ corroboram para o surgimento da nova política. Para compreendermos como é fundamentado, é necessário entender como funciona o capitalismo de plataforma: uma mutação do

¹⁴¹ Grandes empresas com influência mundial no mercado digital, tais como: apple, microsoft, amazon, google, meta (responsável pela gestão das principais redes sociais: instagram, facebook, whatsapp), entre outras.



capitalismo entranhada nos aplicativos disponibilizados por *smartphones*, televisores, notebooks, entre outros aparelhos tecnológicos de comunicação-informação, super amplificada em seu modo de produção, e na sua difusão/compartilhamento de bens e serviços (Morozov, 2018). A característica predatória que o capitalismo exacerba com mais potência na contemporaneidade surge a partir da ascensão dos dados. “Com um celular no bolso, de repente os indivíduos podem realizar coisas que antes só eram possíveis por intermédio de um conjunto de instituições” (Morozov, 2018, p. 57). A ideia inovadora (assustadora) então do capitalismo de plataforma é uma algoritmização da vida completa, em todos os seus estágios sociais, políticos e econômicos.

O trunfo das novas plataformas digitais está em sua capacidade de vigilância. O estado de vigilância é hoje absoluto, mas difere-se da exposição transparente do passado. A liquidez da vigilância (Bauman; Lyon, 2013) perfaz a nova faceta vigilante algorítmica. Diferentemente da vigilância disciplinar tradicional, que se caracterizava por estruturas fixas e centralizadas, a vigilância líquida é pervasiva, difusa e descentralizada. Ela se manifesta em diversos aspectos da vida cotidiana, desde o monitoramento online até a vigilância em espaços públicos. Essa vigilância é impulsionada pela proliferação de algoritmos, que operam de forma autônoma e muitas vezes invisível ao público:

Princípios panópticos serviram historicamente para manter a hierarquia e as distinções de classe, tanto em lares e escolas quanto em fábricas e prisões. Assim, embora, paradoxalmente, as correntes e contracorrentes da modernidade líquida possam parecer arbitrárias e acidentais, a lógica da estatística e do software que orienta a vigilância atual produz resultados estranhamente coerentes (Bauman; Lyon, 2013, p.20).

O monitoramento constante dos sujeitos é basilar para a coerção deles, haja vista que da coerção surge o controle dos comportamentos, contudo, não mais rígido ou disciplinar, mas agora, afável e na unidade mais profunda do sujeito. A psique do sujeito é o primeiro alvo das armas algorítmicas, pois, é nela que reside o âmago do controle total. O método utilizado para sujeição da subjetivação do sujeito permeia no bombardeamento de informações e na exploração excessiva da comunicação. Na sociedade da hiperconectividade, comunicação e informação é o pilar para lapidação de sujeitos coagidos. O intuito é a geração de uma acriticidade geral, afinal, a explosão



vertiginosa do digital trouxe (reforçou) para mesa contemporânea diálogos anti-científicos, discurso de ódio¹⁴², entre outras manifestações oriundas daquele fenômeno.

A compreensão da ideia de nova política é uma ramificação de uma sociedade informatizada. Daquela sociedade gera-se o capitalismo de informação - que muta-se no capitalismo de plataforma -, por conseguinte, para seu funcionamento a todo vapor, as novas ferramentas de vigilância, agora algoritmizadas, orquestram os sujeitos em níveis de sujeição cada vez mais subjetivos. A ideia parte de um princípio basilar da vida humana: a liberdade. Os caminhos, mais melindrosos e desconhecidos dos algoritmos, sujeitam a vida, as escolhas e toda completude do sujeito. Os efeitos reverberam em todas as esferas sociais e políticas. Agora, o sujeito (sobre)vive em uma crise interna da liberdade. “Vivemos em um momento histórico particular, no qual a própria liberdade provoca coerções” (Han, 2018b, p.09). A exploração da liberdade é benéfica naquela característica predatória do capitalismo de informação. A capacidade de ditar o que você deve ou não comprar e até predizer o que deve ou não fazer, ou em quem votar é o trunfo algorítmico.

Os impactos na democracia são severos. Progressivamente, sujeitos dominados por opiniões fundamentadas pelos algoritmos das redes sociais vociferam crenças injustificadas, anti-lógicas e anti-científicas, por exemplo: notícias falsas (Mello, 2024), teorias conspiratórias (Williams et al, 2024), o direito de não possuir direitos (Flach, 2024), o fim do Estado democrático de direito (Ícaro, 2021), entre várias outras ações que afligem a democracia. É importante salientar que existe um método para acentuar tais comportamentos. Como anteriormente foi brevemente exposto, o algoritmo é sustentado pela vigilância afável das novas tecnologias presentes no cotidiano. *Smart Homes*, *Smartphones*, computadores, televisores e todo aquele dispositivo que tenha acesso à rede de internet é um dispositivo, em potencial, da vigilância. A tecnologia entranha-se paulatinamente na gestão da vida, e não há como esquivar-se do capitalismo de vigilância (Zuboff, 2018), haja vista sua habilidade onipresente nas relações

¹⁴² Discurso de ódio se caracteriza pelas manifestações de pensamento, valores e ideologias que visam inferiorizar, desacreditar e humilhar uma pessoa ou um grupo social, em função de características como gênero, orientação sexual, filiação religiosa, raça, lugar de origem ou classe. Tais discursos podem ser manifestados verbalmente ou por escrito, como tem sido cada vez mais frequente nas plataformas de redes sociais (Trindade, 2023, p.17).



humanas. A vantagem mais poderosa dessas ferramentas digitais/tecnológicas encontra-se no seu aspecto afável e na imposição da autonomia do sujeito. Afável pois, a gerência da liberdade dos sujeitos é silenciosa, o indivíduo nem percebe a imposição das propagandas, da vigilância constante de sua imagem e voz; Imposição pois, os termos e condições de uso são impostos a pessoa, e em caso de negativa do sujeito, fica a impossibilidade de uso de tal ferramenta, rede social e/ou programa.

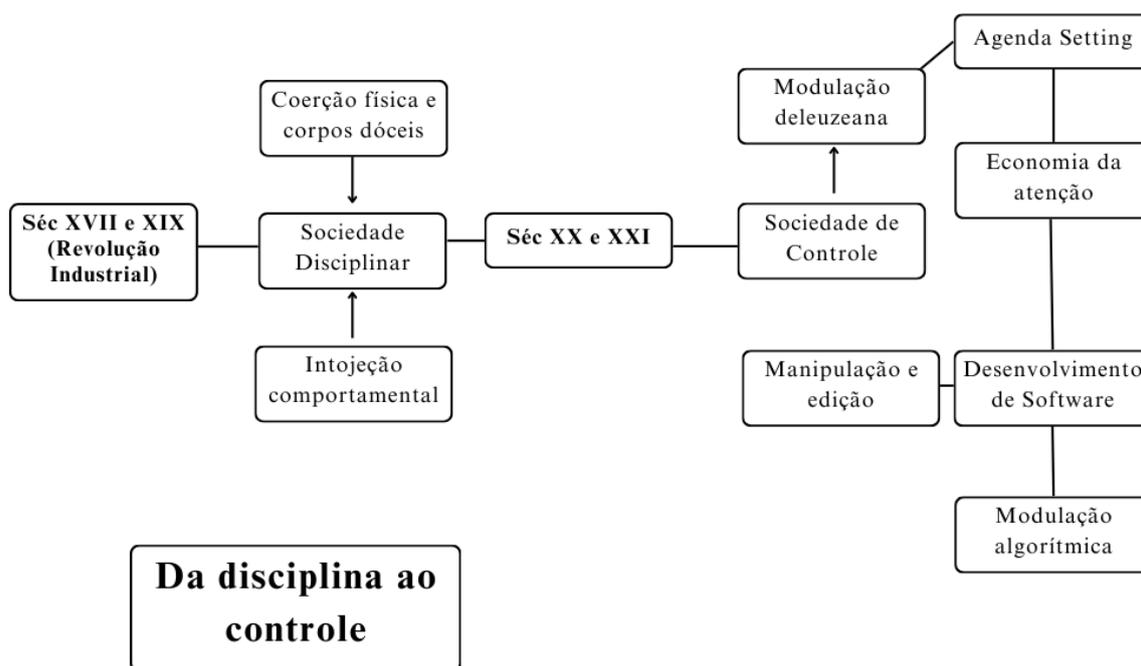
A pandemia digital caracteriza, aos termos de Han (2018a), um movimento de enxame, ou seja, a junção de vários sujeitos sem perfil próprio, caracterizados por almas que tornam-se homogêneas, a medida que inserem-se cada vez mais no meio digital, corroborado pela ascensão do controle algorítmico:

Claramente, encontramos hoje novamente em uma crise, em uma transição crítica, pela qual uma outra revolução, a saber, a revolução digital, parece ser responsável. Mais uma vez, uma formação dos muitos ameaça uma relação de poder e de soberania. A nova massa é o enxame digital [...] Os indivíduos se fundem em uma nova unidade, na qual eles não têm mais nenhum perfil próprio. Um aglomerado contingente de pessoas ainda não forma uma massa. É primeiramente uma alma ou um espírito que os funde em uma massa fechada e homogênea. Uma alma de massa ou um espírito de massa falta inteiramente ao enxame digital (Han, 2018a, p.26-27).

Portanto, é translúcido que o enxame digital caracteriza o sujeito da política quântica abordado por Empoli (2020), dado que, a característica acrítica do enxame manipulado pelos algoritmos transparece uma espécie de “quanticidade política” da pouquíssima consciência de tais indivíduos. Destarte, as ferramentas de controle algorítmica são sustentadas pela nova expressão que a política quântica toma, frente à antiga política newtoniana. Os métodos desenvolvidos pelos veículos comunicacionais são mais capciosos. É importante refletir aqui sobre o papel desenvolvido pelo sujeito sobre si mesmo. Um comportamento livre e gerador de coerção? O sujeito carrega consigo seus próprios grilhões sem notar? Ou pior, esse sujeito mesmo fundamenta a escravidão algorítmica sobre si? Uma relação paradoxal entre liberdade e coerção surge entre sujeitos e tendo em vista isso, no próximo tópico será abordado o respaldo metodológico utilizado pelo controle algorítmico e como isso desemboca a sociedade em uma espécie longínqua da criticidade.

3. Crise dos sujeitos: o declínio da liberdade subjetiva e os caminhos para política quântica

Foi debatido que causas externas como redes sociais, algoritmos e perpétuo estado de vigilância tem corroborado para uma crise dos sujeitos, mas, é importante situar em que tipo de sociedade tais sujeitos encontram-se. Isso significa que, a compreensão e localização histórica desse sujeito é crucial para entender como houve uma guinada das sociedades disciplinares foucaultianas, para as sociedades de controle deleuzianas, desembocando na crise da liberdade subjetiva e no estado político quântico. O gráfico abaixo situa o estado disciplinar à modulação algorítmica deleuziana:



(Cassino, 2021, p. 14)

A partir da reflexão sobre os novos arranjos das ferramentas de controle, nota-se que o diferencial do controle sobre a disciplina é sua área de atuação. O exercício do



poder então ramifica-se e sua forma de agir muta-se, agora saindo da esfera do corpo para adentrar a psique dos sujeitos, quanto a isso Lazzarato (2006) explica:

[...] Exerce seu poder graças às tecnologias de ação a distância da imagem, do som e das informações, que funcionam como máquinas de modular e cristalizar as ondas, as vibrações eletromagnéticas (rádio, televisão), ou máquinas de modular e cristalizar pacotes de bits [...] Se as disciplinas moldavam os copos ao constituir hábitos, principalmente na memória corporal, as sociedades de controle modulam os cérebros, constituindo hábitos sobretudo na memória mental (Lazzarato, 2006, p.85-86).

Entrar nessa seara do controle em níveis psicológicos é atingir a arma mais poderosa da política quântica, pois, é o que faz os sujeitos sujeitarem-se ao controle da psique e adentrarem na crise da liberdade subjetiva. Esse controle doravante denominado de psicopolítica¹⁴³, é o cerne da quanticidade política da exposição, controle e algoritmização da vida pelas redes sociais. Outrossim, a velocidade em que a comunicação/informação circulam nas redes é impressionante. A todo momento os sujeitos estão conectados fornecendo mais informações e comunicando-se com outros. E há na contemporaneidade o incentivo ao digital, o que poderia ser interessante devido ao discurso de “democratização do acesso à internet”, porém, o que deveria ser democratizador é mais uma falácia para acesso aos dados pessoais dos usuários. A instauração de redes públicas de acesso à internet, que para sua utilização é necessário autorização dos termos de voz, vídeo, geolocalização e fornecimento de outros dados pessoais como e-mail, CPF (Cadastro de pessoa física) é um exemplo de como o afável é uma característica desse novo fenômeno da dataficação¹⁴⁴ e algoritmização da vida.

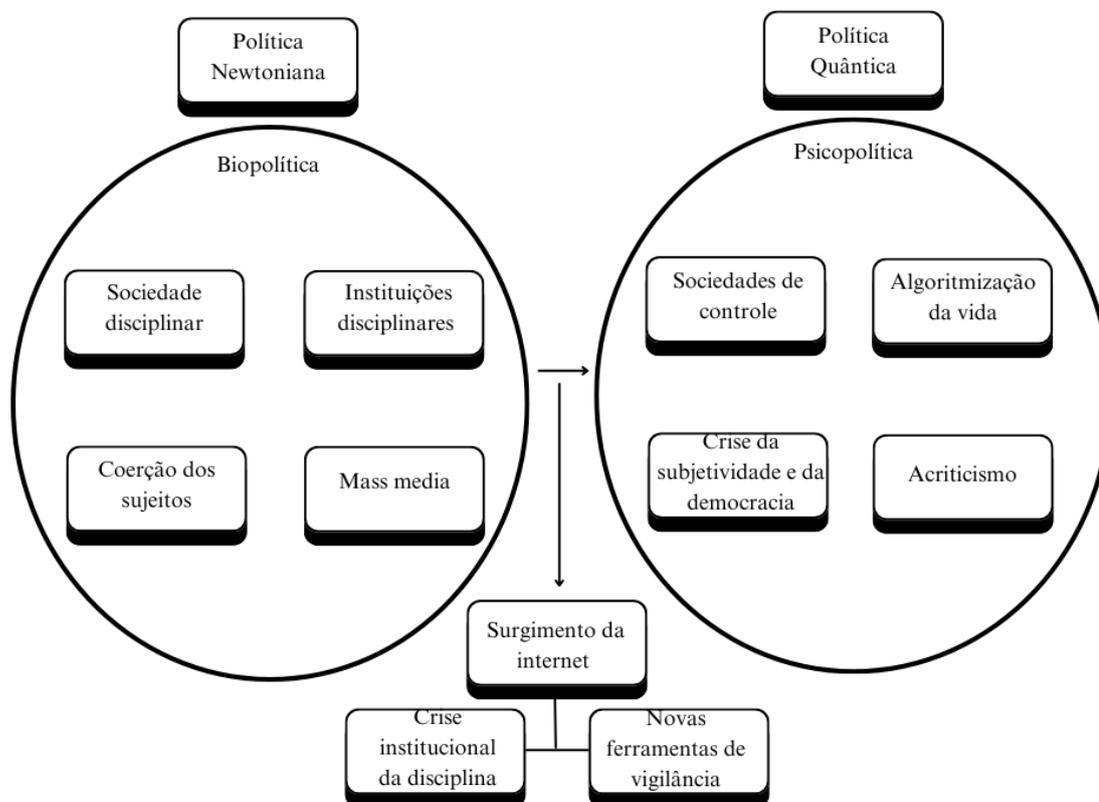
¹⁴³ Hoje nos expomos voluntariamente sem qualquer coerção, sem qualquer decreto. Colocamos na rede todo tipo de dados e informações pessoais, sem avaliar as consequências. Esse caráter incontrollável representa uma gravíssima crise da liberdade. Tendo em vista a quantidade de informação que se lança voluntariamente na rede, o próprio conceito de proteção de dados se torna obsoleto. Hoje, caminhamos para a era da psicopolítica digital, que avança da vigilância passiva ao controle ativo, empurrando-nos assim, para uma nova crise da liberdade: até a vontade própria é atingida. Os *big data* são um instrumento psicopolítico muito eficiente, que permite alcançar um conhecimento abrangente sobre as dinâmicas da comunicação social. Trata-se de um conhecimento de dominação que permite intervir na psique e que pode influenciá-la em um nível pré-reflexivo [...] A psicopolítica digital transforma a negatividade da decisão livre na positividade de um estado de coisas. A própria pessoa se positiviza em coisa, que é quantificável, mensurável e controlável. Nenhuma coisa porém é livre: todavia, é mais transparente do que uma pessoa. Os *big data* anunciam o fim da pessoa e do livre-arbítrio (Han, 2018b, p.22-23).

¹⁴⁴ É uma tendência tecnológica na transformação da vida em dois estágios: 1º dados e 2º informação. O intuito disso é a elaboração do psicograma do sujeito e posteriormente a venda dessas informações à empresas que fomentarão mais propagandas e exercerão com mais potência o controle da vida em seus níveis sociais, políticos e econômicos.



Ademais, a imediatez oriunda do meio digital, avança nesse campo, espaços de hiperinformação e hipercomunicação, isto significa que, o incentivo da exposição e da conexão é uma espécie de chave mestra da ação psicopolítica que retroalimenta a política quântica. A consequência da pandemia informacional/comunicacional/conexional são sujeitos acríticos devido ao enxame de teorias conspiracionistas e notícias falsas, suscitada pelo algoritmo das redes. Os sujeitos hoje carregam consigo a “verdade” em seus bolsos, um único clique gera demasiadas informações. Além disso, o imediatismo das redes suscitou nos sujeitos um sentimento de pressa, afinal, tudo pode ser comprado, pesquisado, discutido no campo digital. Surge então a indagação: por que na política não seria diferente? Eis a derrocada da democracia. Não pelo questionamento, mas sim pelas respostas melindrosas que as redes sociais, mais especificamente o algoritmo rebate para aquela pergunta.

Logo, o ordenamento da política contemporânea (quântica) responde aquelas indagações realizadas no início do presente tópico. O sujeito mergulha em questões da submissão total ao novo regime. O alavancar dos algoritmos trouxe à tona os dados como modelos poderosos de organização dos sujeitos em seus gostos, espaços, crenças e, fundamentou ainda mais perigosamente questionamentos acerca da veracidade científica, da aclamação por teorias conspiratórias, do bravejar do ódio através de discursos de ódio proferidos nas redes sociais, do clamor para derrubada de um modelo democrático, entre outros comportamento. O gráfico a seguir alude então como fica tal ordenamento contemporâneo:



Elaborado pelo autor (2024)

Isto posto, o curso da política newtoniana - essencialmente biopolítica - para política quântica - essencialmente psicopolítica - é fruto do surgimento da internet, em concomitante à criação das redes sociais, por fim na algoritmização do sujeito. A passagem da disciplina para o controle é fortemente explicitada pelas crises institucionais da disciplina e das novas ferramentas de vigilância. O argumento do sujeito ser empresário de si solapa eles em estágios cada vez mais fundo e obscuro de controle da psique.

No regime de empresa: as novas maneiras de tratar o dinheiro, os produtos e os homens, que já não passam pela antiga forma-fábrica. São exemplos frágeis, mas que permitiriam compreender melhor o que se entende por crise das instituições, isto é, a implantação progressiva e dispersa de um novo regime de dominação (Deleuze, 2000, p. 225).

O produto final é um sujeito oriundo da quantidade política, cada vez mais mergulhado em sua crise interna. Como já mencionado anteriormente, além dos abalos ocorridos nos sujeitos, os impactos na democracia são severos, visto que é posto em



cheque sua validade como teoria de poder, aclamação do fim do estado democrático de direito, entre outros ataques. Após investida e controle sobre os sujeitos, a coletividade que forma a sociedade volta-se contra o estado de poder vigente. A reflexão presente no tópico a seguir versará sobre o alvo final da política quântica: a democracia.

4. Crise da democracia: o estado infocrático, teorias conspiratórias e fake News

Logo após a consagração do domínio sobre os sujeitos, através de redes sociais e algoritmos é importante partir para o próximo alvo, sendo este o principal: abalar o estado democrático. Os métodos utilizados são aqueles já retratados, teorias da conspiração e notícias falsas. O complô contra-democrático funciona arquetipicamente bem, pois, como visto anteriormente, a sociedade hiperinformacional/comunicacional explana a todo momento informação, e para auxiliar o grande fluxo, todo sujeito carrega consigo a ferramenta basilar da contemporaneidade, no que tange os termos informação-comunicação: o *smartphone*.

Uma sociedade mais informatizada é aquela em que toda a esfera, seja do real ou virtual, está circulada pela hiperinformação. Aliado a isso, a hipercomunicação alavanca o alastramento das informações. O regime da informação prolifera naquela característica de afetação nos sujeitos, o *homo digitalis*¹⁴⁵ é o novo prisma do corpo social. O enxame digital encontra na política quântica, o que era resguardado na política newtoniana, a liberdade, que é ditada, entranhada e repetidas vezes pelo algoritmo, de divulgar, entoar, crer e multiplicar o máximo possível, ataques à democracia, notícias falsas, conspiracionistas e discursos de ódio:

Pela primeira vez depois de muito tempo, a vulgaridade e os insultos não são mais tabus. Os preconceitos, o racismo e a discriminação de gênero saem do buraco. As mentiras e o conspiracionismo se tornam chaves de interpretação da realidade. E tudo isso apresentado como uma guerra sacrossanta para a libertação da voz do povo, finalmente desatada dos códigos opressivos das elites globalizadas e politicamente corretas (Empoli, 2020, p.89).

¹⁴⁵ O *homo digitalis* ['homem digital'] é tudo, menos um "ninguém". Ele preserva a sua identidade privada, mesmo quando ele se comporta como parte do enxame, Ele se externa, de fato, de maneira anônima, mas via de regra ele tem um perfil e trabalha ininterruptamente em sua otimização. Em de ser 'ninguém', ele é um alguém penetrante, que se expõe e que compete por atenção (Han, 2018a, p.28).



Nisso reside o poder da quanticidade política, sujeitos oriundos de uma sociedade algorítmica são motrizes para os ataques à democracia. As ferramentas de vigilância digital fundamentam a opinião pública dos sujeitos, devido a seu caráter atual de onipresença tecnológica. O fenômeno da atualidade, doravante denominado de fluxo de dados, transforma todos aqueles em meros dados quantificáveis, controláveis e dóceis. A democracia então caminha para sua degeneração, aliada com a explosão informacional, sujeitos agora desenvolvem uma inconsciência digital¹⁴⁶, a infocracia então é o novo regime deturpado da quanticidade política:

A digitalização do mundo da vida avança, implacável. Submete a uma mudança radical nossa percepção, nossa relação com o mundo, nossa convivência. Ficamos atordoados pela embriaguez de comunicação e informação. O tsunami de informação desencadeia forças destrutivas. Abrange também, nesse meio-tempo, âmbitos políticos e leva a fraturas e disrupções massivas no processo democrático. A democracia degenera em infocracia (Han, 2022, p. 25).

É importante então, salientar as etapas em que a internet toma para caminhos mais melindrosos, tanto em controle da vida dos sujeitos, bem como o salto para seara política, tornando-se uma arma poderosa contra teorias de poder vigentes, em especial, o estado democrático de direito: 1º Como levantado em tópicos anteriores, a internet surge com sua premissa falaciosa de democratização da comunicação e da informação; 2º Com a grande explosão de adeptos à nova tecnologia, nota-se o lucro e o grande cifrão, portanto o status digital ganha o intuito de tornar-se mercadológico; 3º A transformação dos usuários em dados foi um passo fundamental para obtenção de êxito no controle das esferas da vida, propagação de anúncios personalizados para cada usuário, direcionamento das especificidades de cada um para outros usuários com mesmo anseios e desejos, entre vários outros aspectos; 4º Após instauração da psicopolítica, ou seja, o controle da psique dos sujeitos em todas as esferas sociais, políticas e econômicas, o último estágio é o enfraquecimento/derrocada da teoria de

¹⁴⁶ O big data e a inteligência artificial constituem uma lupa digital que explora o inconsciente, oculto ao próprio agente, atrás do espaço de ação consciente [...] podemos chamá-lo de inconsciente digital. O big data e a inteligência artificial levam o regime da informação a uma lugar em que é capaz de influenciar nosso comportamento num nível que fica embaixo do limiar da consciência. O regime da informação se apodera das camadas pré-reflexivas, pulsionais, emotivas, do comportamento antepostas às ações conscientes. Sua psicopolítica dado-pulsional intervém em nosso comportamento, sem que fiquemos conscientes dessa intervenção (Han, 2022, p.23-24).



poder política vigente. O intuito é fomentar no sujeito um estado de acriticidade e dúvida.

Logo, a quantidade política tensiona a democracia. O caráter onipresente das tecnologias no cotidiano da vida é que reverbera ainda mais a sujeição do sujeito e do embate contra a democracia. Eis o campo vasto para embate de uma realidade objetiva, o enfraquecimento da democracia e ascensão do acriticismo é o trunfo da política quântica:

Assim, na política quântica, a versão do mundo que um de nós vê é literalmente invisível aos olhos de outros. O que afasta cada vez mais a possibilidade de um entendimento coletivo [...] A política quântica é plena de paradoxos, bilionários se tornam os porta-estandartes da cólera dos desvalidos; os responsáveis por decisões públicas fazem da ignorância uma bandeira [...] O direito de se contradizer e ir embora, que Baudelaire invocava para os artistas, virou, para os novos políticos, o direito de se contradizer permanecer, sustentando tudo e seu contrário, numa sucessão de *tweets* e de transmissões ao vivo no facebook que vai construindo, tijolo após tijolo, uma realidade paralela para cada um dos seguidores (Empoli, 2020, p.175-176).

Por fim, as reflexões presentes neste artigo alavancam o debate, sobretudo a reflexão filosófica sobre os novos rumos que a política contemporânea tem tomado e como os sujeitos que as formam têm exercido seu fazer político. Nota-se que o advento das redes sociais fez surgir um novo fenômeno político, que deve urgentemente ser pesquisado, devido seu caráter manipulador nas esferas sociais, políticas e econômicas da vida humana.

5. Considerações Finais

É urgente a reflexão sobre os novos papéis que a política vem solapando, sobretudo a função dos sujeitos em uma sociedade que é afogada pelo tsunami dos algoritmos. É trivial que o debate seja suscitado, haja vista que seu escopo encontra-se na contemporaneidade. O fazer político do presente possui cada vez mais ares capciosos e melindrosos. O respaldo algorítmico é uma ferramenta eficaz de vigilância, de manipulação afável e de predição de todos os escopos que formam a vida.

Nota-se como Giuliano da Empoli é feliz na elaboração dos termos “política newtoniana” e “política quântica”, contudo, é possível perceber a carência de explicitar mais profundamente como elas envolvem os sujeitos e a democracia, em especial o



papel desenvolvido pelo algoritmo nesse objetivo final de controle. Empoli foca na internet como força motriz para o novo fazer político, porém, o alicerce da internet é respaldado pelos algoritmos, o que é pouco trabalhado pelo autor. Outrossim, a fundamentação filosófica dele é escassa, mas é justificado, haja vista que Empoli mira nos dados empíricos. Entretanto, no presente artigo foi trabalhado pontos de aprofundamento filosófico do problema em questão. Refletiu-se a questão filosófica acerca dos algoritmos, seus encargos na gestão da vida, seu caráter vigilante, coerção psicopolítica e transfiguração em acriticismo, além disso, como desemboca-se em uma perigosa forma de suscitação anti-democrática. Ademais, a atribuição das redes sociais como alavancadoras do estado de hiperconectividade, hiperinformação e hipercomunicação, sendo essas características fundamentais para formar a base daqueles problemas algorítmicos supracitados.

A partir das reflexões abordadas no presente artigo, alerta sobre as novas facetas que a política ruma, mas especialmente, como algoritmos cotidianamente adentram níveis mais obscuros e intrínsecos dos sujeitos. É necessário um agir urgente, uma elucubração constante dos sujeitos frente aos que lhe é imposto. A criticidade está afastando-se dos indivíduos em uma progressão geométrica, os dados estão engolindo a política e todo o corpo social. Cabe-nos, pesquisadores, alertarmos sobre o novo fenômeno e, como humanos, unir-vos em favor da ciência, da emancipação humana frente à tecnologia e de um futuro político democrático e humano.

6. Referências

BAUMAN, Zygmunt; LYON, David. **Vigilância Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 160 p. Tradução de: Carlos Alberto Medeiros.

CASSINO, Francisco João. Modulação Deleuzeana, Modulação algorítmica e Manipulação midiática; Org. SOUZA, Joyce; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da; AVELINO, Rodolfo. **A Sociedade de Controle**: manipulação e modulação nas redes digitais. 2. ed. São Paulo: Hedra, 2021.

DELEUZE, Gilles. **Conversações 1972-1990**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 2000.



EMPOLI, Giuliano da. **Engenheiros do Caos**. 1. ed.; 3. reimp. São Paulo: Vestígio, 2020. Tradução de Arnaldo Bloch. (Título original: Les ingénieurs du chaos).

FLACH, Natália. Motoristas de aplicativos, como Uber e 99, protestam em Pernambuco contra regulação trabalhista. **Valor**, 2024. Disponível em: <<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2024/03/26/motoristas-de-aplicativo-fazem-ato-em-pernambuco-contr-regulacao-trabalhista.ghtml>>. Acesso em: 29 de maio de 2024.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2022. (Título Original: Infokratie).

_____. **O que é poder?** Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2019. (Título Original: Was ist Macht?).

_____. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. 7. ed. Belo Horizonte, Minas Gerais: Âyiné, 2018b. Tradução de Maurício Liesen.

_____. **No exame**: perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018a. Tradução de: Lucas Machado.

Ícaro, Pedro. Motoristas de aplicativos, como Uber e 99, protestam em Pernambuco contra regulação trabalhista. **Correio Braziliense**, 2024. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/03/4915376-atos-esvaziados-celebram-golpe-de-64-e-pedem-intervencao-militar.html>>. Acesso em: 29 de maio de 2024.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MELLO, Daniel. Quase 90% dos brasileiros admitem ter acreditado em fake news. **Agência Brasil**, 2024. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-04/quase-90-dos-brasileiros-admitem-ter-acreditado-em-fake->



[news#:~:text=Quase%2090%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20brasileira,deu%20credibilidade%20a%20fake%20news>](#). Acesso em: 29 de maio de 2024.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu, 2018. Tradução de Claudio Marcondes.

TRINDADE, Luiz Valério. **Discurso de Ódio nas Redes Sociais**. São Paulo: Jandaíra, 2023. 184p.

VATTIMO, Gianni. **A Sociedade Transparente**. Lisboa: Relógio D'água, 1992. Tradução de: Hossein Shooja e Isabel Santos. (Título Original: **La Societé Transparente**).

WILLIAMS, Matt et al. Pesquisa mostra que pessoas podem mudar de opinião sobre teorias da conspiração. **G1**, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2024/04/14/pesquisa-mostra-que-pessoas-podem-mudar-de-opinioao-sobre-teorias-da-conspiracao.ghtml>. Acesso em: 29 de maio de 2024.

ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira de poder**. 1. Ed. Gávea, Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020. Tradução de George Schlesinger. (Título Original: **The Age of Surveillance Capitalism**)